

TRIBUNA LITERÁRIA



FILIADO A FEBAC - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ALTERNATIVOS CULTURAIS

ANO 6 NÚMERO 76 • JAN/FEV 2008

BOLETIM DOS POETAS E ESCRITORES INDEPENDENTES



Por volta de 1821, quando as Cortes portuguesas mostraram a idéia de transformar o Brasil novamente em uma colônia, D. Pedro I recebeu uma carta de Lisboa exigindo seu retorno imediato para Portugal. A presença de D. Pedro impedia Portugal de recuperar suas finanças em cima do Brasil e recolonizá-lo. O povo brasileiro não queria abrir mão de Dom Pedro I. Os liberais radicais, em resposta, organizaram uma movimentação para reunir assinaturas a favor da permanência do príncipe. Assim, eles pressionaram D. Pedro a ficar, juntando oito mil assinaturas. E respondendo negativamente às ordens de Portugal, no dia 9 de janeiro de 1822 D. Pedro declarou: "Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, digam ao povo que fico".

Reclamamos do Brasil, mas falamos do orgulho de ser brasileiros. É bom ser independentes ou seria melhor continuar portugueses? Hoje seríamos europeus e ganharíamos em euros?! Mas será que o dinheiro é tudo? Segundo alguns, ele não traz felicidade, embora mande buscar! A verdade é que nunca estamos contentes. Se Dom Pedro nos conhecesse melhor não teria ficado... Por que até "ficar" mudou de sentido!...
A melhor resposta, quem sabe, está aí abaixo, no soneto de seu filho!

Alegria, apesar de tudo

Editorial

Violões em funeral

Poesia Musicada

Manchetes do ano passado

Contos & crônicas

Raul Campêlo Machado

Poeta em Foco

Este, esse, aquele

De olho no idioma

TERRA DO BRASIL

Dom Pedro II

*Espavorida agita-se a criança,
De noturnos fantasmas com receio,
Mas se abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doridos olhos e descansa.*

*Perdida é para mim toda a esperança
De volver ao Brasil: de lá me veio
Um pugilo de terra e, nesta, creio,
Brando será o meu sono e sem tardança.*

*Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo na memória,
Ó doce pátria, sonharei contigo!*

*E entre visões de paz, de luz, de glória,
Serenamente aguardarei no meu jazigo,
A justiça de Deus na voz da História.*

Alegria, apesar de tudo

Após interromper a edição impressa, lançamos com este número o primeiro *Tribuna Literária* exclusivamente on-line.

Não vamos fingir que não doeu interromper a edição do nosso informativo, no belo papel couchê, que alisava as mãos dos ávidos leitores. Foram muitos anos e é como um filho que partiu para mudar de vida.

*O que restou foi um grupo de amigos, admiradores, conhecidos de todas as partes do Brasil que se encantavam quando viam seus trabalhos estampados nas páginas do nosso *Tribuna Literária*.*

Os lamentos que chegaram até nós, já nos primeiros dias da notícia, dão-nos a certeza do dever bem cumprido.

Entre as tocantes mensagens de solidariedade que recebemos está a do presidente do Sinduscon, nosso particular Amigo, José Irenaldo Jordão Quintans.

*Diz o cavalheiro, em alusão ao fim do jornal impresso: "É uma pena, meu amigo, mas compreendo perfeitamente o seu cansaço; enviei ofício acusando o lamento do SINDUSCON. Não há o que agradecer. O dinheiro do associado que melhor empregamos este ano foi, seguramente, o pouco que colocamos nas suas mãos para o *Tribuna*." Uma declaração extremamente gentil, embora emoldurada pelo exagero próprio dos verdadeiros Amigos.*

Cumpramos ressaltar que todos os nossos colaboradores se ofereceram espontaneamente para cooperar, por entenderem o trabalho. A nenhum deles solicitamos ajuda. Daí o nosso agradecimento sincero e emocionado.

*O jornal continua no endereço já conhecido: www.tribuna.wordpress.com ou no www.caumo.com para os que desejam também um pouco de poesia, além do que é publicado no *Tribuna*. Poderá ser lido e impresso.*

Contamos com o envio de colaborações e manteremos nossas edições bimestrais, sendo esta, janeiro/fevereiro de 2008, a primeira.

E vamos em frente!

Octávio Caúmo Serrano, editor
caumo@caumo.com

TRIBUNA LITERÁRIA

Fundador e Editor
OCTÁVIO CAÚMO SERRANO

Contatos, envio de material e sugestões:
Av. Rui Carneiro, 525 sala 218 - Tambaú
58032-101 João Pessoa - PB
Fones (83) 3247-9070 e (83) 9332-2674
tribunaliteraria@gmail.com

Edições on-line disponíveis em <http://tribuna.wordpress.com>

O *Tribuna Literária* e os colaboradores não se responsabilizam por idéias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas, que expressem apenas o pensamento dos autores.
Reserva-se o direito de não fazer correções e, por motivo de espaço e clareza, o de resumir cartas, artigos e ensaios.

NOTAS & NOTÍCIAS

- No dia 14 de dezembro passado, o **GIP - Grupo Itinerante de Poesia**, reuniu-se mais uma vez na **ASIP**, Av. Epitácio Pessoa, em João Pessoa - PB, que gentilmente cede o espaço à **Casa da Poesia**, quando seus participantes puderam se confraternizar pelas festas de fim de ano e comemorar a existência e o fortalecimento do grupo. Todas primeiras e terceiras quartas-feiras o pessoal se reúne para cantar, tocar e dizer versos. O coordenador geral é o escritor e poeta **Carlos Antônio Coêlho**. Apareçam!

- De nossa fiel assinante e expressiva colaboradora, Majda Hamad Pereira, de Campina Grande, (tinha vinte assinaturas para distribuir o *Tribuna* entre seus amigos), recebemos esta mensagem sobre o fim de jornal impresso:

"Olá Sr. Octávio,

Eu não sabia, estou surpresa, confesso que fiquei muito triste, não sei os motivos, mas, o que depender do meu apoio estarei aqui sempre. Um grande abraço e um Feliz Natal para o senhor e sua família.

Abraços, Majda."

- Leiam no endereço abaixo o livro "TROVAS DA CODIFICAÇÃO", do editor deste informativo, Octávio Caúmo Serrano.

www.comunidadeespirita.com.br/poesia/TROVASCOD/trovas%20da%20codificacao.htm

- As mensagens e declarações com lamentos pela interrupção da edição do *Tribuna Literária* em papel soam para nós como aprovação ao trabalho que fizemos até dezembro de 2007, com prazer, esforço e dedicação. Agradecemos a todos que, de alguma forma, manifestaram sua tristeza e esperamos que a edição on-line seja lida com o mesmo interesse e que as pessoas as imprimam e as divulguem. Obrigada.

- Está em fase final de elaboração a Revista nº 2 da **Alane - Academia de Letras e Artes do Nordeste - Núcleo PB**, que será lançada em 2008 e divulgará a entidade, acadêmicos e patronos.

<http://alane.pb.org>

RAUL CAMPÊLO MACHADO, nasceu em 07 de abril de 1891, em Batalhão, atual Taperoá, Estado da Paraíba e faleceu em 19 de julho de 1954, a bordo do navio Provençe, quando regressava da Europa, aonde fora em busca de tratamento de saúde. Era filho de João Machado da Silva e D. Júlia Campêlo Machado.

Iniciou os estudos em Taperoá, complementando-os no Lyceu Paraibano; a seguir, matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, onde cursou somente o 1º ano, concluindo o curso na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Aos 15 anos, já compunha versos que publicava no Jornal A União, órgão oficial do governo do Estado da Paraíba.

Aprovado em concurso público, foi nomeado Auditor de Guerra, indo servir nos Estados do Paraná, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Exerceu as funções: Promotor da Justiça Militar, em Pernambuco; Ministro do Tribunal de Segurança Nacional; Secretário Geral da Comissão Organizadora dos Estatutos dos Funcionários Públicos e Ministro Corregedor da Justiça Militar. Era Membro da *Société des hommes de lettres* e da *Société Académique d'histoire Internationale*, da França. Era jurista, ensaísta, conferencista, escritor, poeta e poliglota. Deixou importante bibliografia: **Cristais de bronze**, 1909; **Água de castália**, 1919; **Asas aflitas**, 1924; **Pelo abolicionismo da arte**, 1925; **Praxe do processo criminal militar**, 1926; **A culpa no direito penal**, 1929; **Direito Penal Militar 1930**; **Pássaro morto**, 1933; **Código Penal Militar da Alemanha**, 1932; **Poesias**, 1936; **Dança das idéias**, 1939; **A lâmpada azul do sonho**, 1946; **Asas libertas**, 1950. São considerados seus versos mais famosos: **Lágrimas de cera**; **Póstumas** e **Na praia**.

Raul Machado é o patrono de Ariano Suassuna, na Academia Paraibana de Letras, onde ocupa a cadeira de nº 35.

E.T. - Se algum internauta tiver uma foto do poeta, agradeceríamos se nos enviasse. Obrigado.

Céu do Brasil

Praz-me ver este céu que em palpitante messe
De áureas constelações a arder perpetuamente,
Montes, campos e mar ilumina; e os guarnece
De uma renda de luz e prata resplendente!

Céu suspenso jardim, horto magnificante,
Que em grinaldas de sóis e de estrelas floresce!
Cúpula nupcial, de onde, em floco nitente,
Como um véu de noivado, o luar diáfano desce!

Céu que incendeia o ocaso em clarões de fogueiras;
Que aos outros céus em luz e colorido excele,
Na glória das manhãs e noites brasileiras!

Céu que a alma contempla, humilima, de rastros...
Céu que é um altar em festa: - e acesa, dentro dele,
Brilha a cruz do Senhor, numa moldura de astros!

Poema das Águas (trechos)

A água também **nasce pequenina**
- nasce gota de orvalho ou de neblina...
A água também **tem a sua infância**
- quando apenas riacho cantarola...
A água também **tem adolescência**
- sonha lagos românticos à lua
fitando os astros namorados dela...
A água também **tem maturidade**
- fica serena e grave em rios fundos
e num destino generoso e amigo...
A água também **tem sua velhice**
- e de ver-lhe os cabelos muito brancos
onda lenta de espuma destrinchada em neve...
A água **também morre**... e quando seca
- e a sua morte entristece tudo...
até perder, na última renúncia,
o nome de batismo de seus rios
para ficar anônima nos mares...

Lágrimas de Cera

Quando Estela morreu choravam tanto!
Chovia tanto nessa madrugada!
-Era o pranto dos seus, casado ao pranto
Da Natureza - mãe desventurada.

Ninguém podia ver-lhe o rosto santo,
A fronte nívea, a pálpebra cerrada,
Que não sentisse logo, em cada canto
Dos olhos uma lágrima engastada!

Ah!...não credes,bem sei,porque não vistes!
Mas,quando ela morreu, chorava tudo!
Até dois círios, lânguidos e tristes,

Acendidos à sua cabeceira,
Iam chorando, no seu pranto mudo,
Um rosário de lágrimas de cera!

Póstumas

Noite fechada, lúgubre, sombria.
Céu escuro, tristíssimo, nevoento,
Relâmpagos, trovões, água, invernia
E vento e chuva, e chuva e muito vento!

Abro um pouco a janela, úmida e fria;
Quedo a ver e a escutar, por um momento
O rugido feroz da ventania
E o rasgar dos fuzis no firmamento.

Quero vê-la no céu... e o céu escuro!
E, sem temer que chova e o vento açoite,
Abro mais a janela... abro e murmuro:

Ah! talvez acalmasse o meu tormento,
-Se eu pudesse chorar, como esta noite!
-Se eu pudesse gemer, como este vento!

Indulgência

Braço rijo...coração frio...olhos enxutos
O homem golpeia a Terra e a Terra generosa
Dá-lhe flores e frutos.
Fere-a ainda mais fundo,
Rasga-lhe as entranhas
E ela, mais generosa,
Dá-lhe vida e riqueza:
a saúde da água térmica
e o tesouro dos minérios
e das pedras estranhas.
Abre-lhe, enfim, no peito sem piedade
a chaga imensa e profunda.
E ela, da chaga que em seu corpo se abre,
Dá-lhe o seu sangue pra matar-lhe a sede.
Um dia o homem morre
E o braço se lhe torna ainda mais rijo
e o coração mais frio.
E ela, maternalmente, sem rancores,
Depois de tanta ofensa e tanto golpe
Acolhe-o em seu seio e cobre-o de flores!

A Rosa de Alençon

Cônego João de Deus

11/07/1926

O bardo amigo das canções mimosas,
Das praias, dos coqueiros, das jangadas,
Também sabe colher lyrios e rosas,
Também sabe entoar canções sagradas.

Pelos mares da vida navegando,
Fita o céu, que se mostra azul-turqueza,
E nas flores da terra se inspirando,
Lhes descreve os perfumes e a beleza.

No escaphandro do verso desce aos mares,
Conduzindo ao voltar pérolas finas.
Navegando no espaço sobe aos ares
E vae beber inspirações divinas.

Inspirado cantor empunha a lyra,
E em sublimes accordes canta um hymno.
É um poema de luz donde transpira
A crença e o amor do bardo peregrino.

É um poema de luz, em que decanta
Nos primores do verso, com desvêllo,
A vida admirável de uma Santa,
Da Rosa de Alençon, Flôr do Carmello!

O teu poema de luz vale um thesouro!
Elle é um psalmo de amor que céu aninha.
Bem haja o poeta que na lyra d'ouro
Canta a gloria immortal de Terêzinha!

E a Rosa de Alençon, agradecida,
Da mansão das venturas mais formosas,
Envia ao bardo amigo, enternecida,
Um punhado de flôres e de rosas.

Poema-Prefácio do livro Rosa de Alençon, 1928, de Américo Falcão, o poeta de Lucena, Paraíba. Mantido o português original.

A FONTE "VEZ-EM-QUANDO"

Ronaldo Cunha Lima - PB

*Uma fonte, em meus tempos de menino,
aos poucos, entre pedras, vi brotando,
como se as próprias pedras, porejando,
chorassem d'água um pranto cristalino.*

*Às vezes gotejava de supino,
às vezes, de repente, ei-la secando,
a fonte que chamei de "vez-em-quando"
enquanto eu me cuidava do destino.*

*E sempre imaginei de mim defronte
à fonte "vez-em-quando", como apronte
para vencer da vida a grande guerra.*

*Hoje chego aos limites do horizonte
e os olhos meus, iguais àquela fonte,
de vez em quando vão molhando a terra.*

TARDE DE INVERNO

Ozório Paes - PB

*A tarde ensombrada o mundo em ritos vários
Que, ourando cinza, a noite recrudescer;
Divaga em cheiro suave de sacrários,
Purificando de louvor a prece.*

*O braço cede à voz dos campanários,
Sustando a enxada em golpe pela messe;
Renasce o amor nos romanos solitários
Na paz dos ninhos onde o amor floresce.*

*Um ponto fosforeja como braza,
Incerto, alado como chispa de asa,
Vaga-lume a fulgir de moita em moita...*

*Cai a chuva em cortina de vidrilho,
O céu se mostra fundo, sem um brilho,
E o vento, uivando, os matagais açoita.*

Amigos itinerantes

Octávio Caúmo Serrano - SP

-Onde é que estão seus amigos?

Muita gente me pergunta.

-Estão ai pela vida,

Porque tanta gente junta

Não é possível manter

Em uma tropa, conjunta.

*As pessoas vêm e vão,
Mas devem ter liberdade
De passar por nossa vida
E sair. Só falsidade
Não se pode admitir
Porque macula a amizade.*

*Já pensou se a cada dia
Fosse encargo visitar
Todos os nossos amigos,
Ou mesmo telefonar,
Não faríamos outra coisa,
Nem iríamos trabalhar!*

*O importante nesta vida
É o que fica na lembrança.
As pessoas mais queridas,
Desde os tempos de criança,
Moram em nossos corações
Apesar de toda andança..*

*Elas têm lugar guardado
No fundo da nossa alma,
Sua recordação é como
Um lenitivo que acalma,
E sentimos ao lembrá-las
Vontade de bater palmas.*

*Vivemos interligados
No trabalho, nas vigílias,
Nas escolas, nos albergues,
Como pais, filhos e filhas,
Porque um dia formaremos
Todos a grande família.*

*Ter amigo e ser amigo
Importantes atitudes,
Coisa que nos nossos dias
Já não se encontra amiúde
Neste mundo só de vícios
E muito pouca virtude.*

*Mas os homens no futuro
Haverão de ser felizes,
Pois desaparecerão
Todas essas cicatrizes
No dia em que eles seguirem
Por divinas diretrizes.*

*Por enquanto só nos resta
Usar de amor e ciência
Para termos cada vez
Mais um pouco de paciência
Que é o que nos dá paz
E nos serena a consciência.*

*Nesses dias surgirão
Os amigos de verdade!
Vamos poder desfrutar
De uma sincera amizade,
Que levaremos conosco
Para além da eternidade!*

O corvo e a raposa

Bocage - Portugal

*Do livro "Crestomatia" de Radagásio
Taborda - 1931*

*É fama que estava o corvo
Sobre uma árvore pousado
E que no sôfrego bico
Tinha um queijo atravessado.*

*Pelo faro àquele sítio
Veio a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe falou desta maneira:*

*Bons dias meu lindo corvo
És glória desta espessura
És outra fênix (!) se acaso
Tens a voz como figura.*

*A tais palavras o corvo
Com louca, estranha afoiteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico e solta a presa.*

*Lança-lhe a mestra, o gadanho,
E diz: - Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
À custa de quem o atende.*

*"Esta lição vale um queijo,
Tens destas para o teu uso".
Rosna então consigo o corvo,
Envergonhado e confuso:*

*"Velhaca! deixou-me em branco!
Fui tolo em fiar-me dela,
Mas este logro me livra
De cair noutra esparrela.*

Esperando o Carnaval

Carlos Antônio Coêlho - PB

Minha cidade, como todos os anos,
Pintou-se toda, se enfeitou todinha
E se acendeu como uma noite de lua,
Feito uma mulher vestida de rainha.
Ficaram belas suas avenidas,
Bem decoradas com sorrisos largos,
Vivendo hoje eu vivi também
Inesquecíveis carnavais passados.
Com tantos sambas e confetes dourados
Com tanta gente a se espalhar na rua;
Embora hoje assim toda vaidosa,
Minha cidade cada vez fica mais nua.
Não existe mais aquela alegria
Aquela paz e todo mundo cantando;
É uma pena, eu chorei ao ver
Minha cidade inteira se enganando.
Mesmo assim diz ela que é feliz
Só por estar com claras vestes de seda
E logo os blocos vão passar e enfim
Todos se esquecem de suas tristezas.

Do Livro "Incertezas do Existir" - 2005

Vem, irmão

"Eu nasci numa cidade
Onde as fontes da humildade
Soluçam perenemente...
Lá, ouvindo os cantadores,
Os bons improvisadores,
Aprendi fazer repente...

À luz das violas gemendo,
Fui pouco a pouco aprendendo
Os segredos da Poesia!
Hoje uma cousa me inspira:
-A força da minha lira
Que me segue noite e dia...

Quando alguém busca saber
Como é que consigo ser
Um poeta improvisador?
Digo, pensando na viola:
-Monteiro foi minha escola!
E Deus o meu professor!"

Improvisos de JANSEN FILHO

"Vem, irmão, irmão brasileiro, do norte, do sul, do centro e de todos os brasis. Vem irmão de todos os mundos, vem ver e ouvir o cantador nordestino que nasceu no sopé da Serra da Borborema, Monteiro, uma cidadezinha paraibana que é metrópole no mapa da poesia brasileira.
Vem, irmão, assistir ao incêndio da centelha do talento que ilumina com o clarão do raio e que musicaliza com o terror das trovoadas gigantescas. Vem, irmão, ouvir a improvisação de Jansen Filho que integra e desintegra numa espécie de horror atômico, as rimas, os ritmos e as harmonias dos versos que nascem lampejantes e brilham como meteoros apressados... E mais adiante, para concluir, diz o professor:
Vem, irmão, vem trazer teu silêncio comovido, teu orgulho brasileiro, tua fé no poder da poesia, teu amor pela Paz, tua ambição de eternidade; traze teu espírito em estilo de concha e colhe a luz, a música e a ternura desse cantador que é também teu irmão, Jansen Filho!"

Depoimento de **NEIF MATTAR**, Professor das Faculdades Metropolitanas Unidas.

25 de janeiro - homenagem a São Paulo

*No tempo em que São Paulo
caminhava devagar, sem
poluição, sem medo, sem
falcatruas!...*
Octávio Caúmo Serrano - SP

Enquanto meus olhos dormem,
Minh' alma solta passeia,
A caminhar pelas sendas
Do bucolismo da aldeia,
Onde não vou toda noite,
Mas onde vou volta e meia.

É a minha aldeia saudosa
Dos tempos bons do passado,
Onde a harmonia reinava,
Ruas de barro amassado,
Cheias de casas singelas
Com vizinhos lado a lado.

Hoje não é mais aldeia,
É a maior capital
Deste Brasil altaneiro,
Um país continental,
Mas no meu sonho inda é
A minha aldeia natal.

Dos tempos que fui menino,
Recordo nessas andanças!...
A correria das ruas,
Os sorrisos de esperança,
Essa é a imagem que eu quero
Eternizar na lembrança.

Espero, depois da morte,
Ver minha aldeia sem guerra,
Do jeito do meu passado
Que em minha mente se encerra,
Para voltar aos bons tempos
Da minha aldeia na Terra!...

Mal Secreto

Raimundo Correia - MA

Raimundo Correia nasceu a 13 de maio de 1859, a bordo do navio São Luiz, ancorado em águas maranhenses

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Seguimos em direção ao mesmo objetivo, porém a cada um é dado escolher o seu ritmo e os caminhos a percorrer.

Júlio César F. Machado

Seja. Mas antes de ser por inteiro, seja dos outros. E antes que se entregue por completo a alguém saiba que ninguém pertence a ninguém, e que você é seu. Você não é aquilo que sua vida é. Você não é o momento que você vive, nem o amor perdido. Você é aquilo que ninguém vê. Uma coleção de histórias, estórias, memórias, dores, delícias, pecados, bondades, tragédias e sucessos, sentimentos e pensamentos. Se definir é se limitar. Você é um eterno parênteses em aberto enquanto sua eternidade durar."

Raíssa Almoêdo de Assis

t r o v a s

Só quem molhou a camisa
por um futuro melhor
sabe o sonho que desliza
numa gota de suor.

Sérgio Bernardo

Prefira sempre, meu filho,
a luta em vez da preguiça,
porque conquistas sem brilho
fazem brilhar a injustiça.

Arlindo Tadeu Hagen

Seria um éden, seria
este mundo se, em verdade,
nele houvesse a trilogia:
paz, amor e honestidade.

Aloísio Bezerra

Se os artefatos de guerra,
que o mundo sem Deus consome,
fosse pães, ninguém na Terra
morreria mais de fome!

Batista Soares

Vivem repletos de imagens
nossos lares, nossos templos;
cultuamos personagens
sem lhes seguir os exemplos.

Heládio Feitosa

Amor se dá, não se vende,
não se compra, não se empresta...
Quem o compra se arrepende
E quem o vende não presta.

Iraci do Nascimento e Silva

A exemplo de um obstetra
que traz à luz mais alguém,
ao fazer verso o poeta
traz os seus filhos do além.

Octávio Caúmo Serrano

A mulher tem geralmente
três idades, a saber:
a verdadeira, a aparente
e a que costuma dizer.

Edmar Japiassú Mata

"Deus, para a felicidade do
homem, inventou a fé e o
amor. O Diabo, invejoso, fez
o homem confundir fé com
religião e amor com
casamento."

Machado de Assis

A Moeda

Quando criança, certo dia, estando na loja de meu pai, fui interpelado por um mendigo que pedia esmola.

Notando os trajes andrajosos do homem, mais que depressa corri à gaveta do balcão e retirei uma moeda que entreguei, muito alegremente, ao pedinte.

Meu pai assistiu a tudo, porém nada me disse, continuando, calmamente, a atender a sua freguesia.

Não muito tempo se passou e uma pobre mulher apareceu, fazendo a mesma solicitação.

Não hesitei e corri à gaveta, porém antes que a abrisse meu pai embargou o meu gesto e disse, muito naturalmente:

- Onde está o cofre que você usa para guardar as moedinhas que lhe sobram?

- Aqui mesmo na gaveta de sua escrivaninha.

- Então, filho, vá buscá-lo.

Levei-lhe o cofre e papai pediu que o abrisse. Obedeci.

- Agora, filho, você vai escolher uma moedinha igual àquela que ia dar... Escolhi.

- Agora pode entregá-la à senhora.

Fiz o que me mandava, muito surpreso.

Quando a mulher se retirou, papai me explicou:

- Filho, o verdadeiro óbolo, o que agrada a Deus é somente aquele que provém do que é verdadeiramente nosso. Você agiu certo da primeira vez, só que não deu o que era seu. É dando que recebemos, mas só recebemos da Misericórdia Divina quando damos o que temos. Compreendeu?

Sim, eu compreendera.

Ele arrematou, dizendo:

- Você já ouviu as pessoas comentando façanhas dos outros e dizendo que a cortesia foi feita com o chapéu alheio? É isso. Eu lhe peço que só use o seu chapéu. E tudo estará certo.

Nunca mais esqueci o episódio, pois foi assim que aprendi o verdadeiro sentido do ato de dar. A lição permaneceu em mim por toda a vida e tem me ajudado a realizar uma caridade mais autêntica e mais coerente.

*Do Livro "E, para o resto da vida..." de Wallace Leal V. Rodrigues,
pela Casa Editora O Clarim - www.oclarim.com.br*

O acanhamento

Castro Alves - BA
Recife 19/04/1866

Com o passo lento, olhar meio espantado
Receios de ser visto, e em pejo ardendo,
Perdendo logo a cor e estremecendo,
Se viu que por alguém fora notado.

Posto a um canto da sala, acocorado,
Em cólicas mortais se retorcendo,
Com medo de falar e conhecendo
A triste posição de ser calado;

Sentindo ânsias custar-lhe o pensamento
E a cada olhar que ali lhe estão lançando
Vê aumentar-se-lhe o retraimento;

Oh! destino cruel, atroz, nefando!
É isto que se chama ACANHAMENTO,
Que o talento amesquinha e o vai matando.

REFLEXÕES (IV)

Gilka Machado - RJ

Eu sinto que nasci para o pecado,
se é pecado, na Terra, amar o Amor;
anseios me atravessam, lado a lado,
numa ternura que não posso expor.

Filha de um louco amor desventurado,
trago nas veias lírico fervor,
e, se meus dias a abstinência hei dado,
amei como ninguém pode supor.

Fiz do silêncio meu constante brado,
e ao que quero costume sempre opor
o que devo, no rumo que hei traçado.

Será maior meu gozo ou minha dor,
ante a alegria de não ter pecado
e a mágoa da renúncia deste amor?!...

MANCHETES DO ANO PASSADO.

Conversa de políticos...

Todos viram e ouviram. Deu na TV!

"O aumento não sairá do povo. Cortaremos despesas do Congresso." Então dá pra cortar?

"Melhor dar a ele uma pensão vitalícia de ex-governador para ele não ter de usar meios escusos pra viver" É uma declaração que ele é desonesto?

"Vamos pedir um avião da FAB para levar os deputados do nordeste, para não termos de fazer descer passageiros que dêem lugar para eles." E eles fazem isso, mesmo com os passageiros que pagam passagem?

"Vamos tentar baixar o salário do judiciário." Já que eles não aprovaram o salário dos congressistas; está declarada a guerra.

"Não pude contar com a ajuda do presidente da outra casa. Mas pelo menos espero que Deus tenha me ouvido." Comunista falando em Deus! Os tempos mudaram!...

"Exijo que expliquem aos passageiros a razão dos atrasos." O presidente, depois de meses se tocou e passou a exigir... Também, ele não sabia. Só anda no avião dele!... Com a conta que nós pagamos, é claro!...

"O orçamento de 2007 está pronto. Gastos com folha de pessoal 115 bilhões. Verba para obras 25 bilhões." Não deveria ser o contrário?

"Só voltaremos a falar de aumento em fevereiro". Afinal, em fevereiro tem carnaval, tem carnaval!!! E até lá o povo já esqueceu... A memória é fraquinha, fraquinha...

Solicitudes

Pereira da Silva - PB

Senhor meu Deus, não move a minha pena
Vós o sabeis, o impulso da vaidade,
Que neste mundo a glória é tão pequena
E eu nasci para a imortalidade!

Mas não sei por que nada me dissuade
E, antes, tudo em meu sangue me condena
A dar forma, expressão, plasticidade,
A tudo aquilo quanto é dor terrena!

A meu tormento, chamo-lhe poesia,
Arte de verso, chamo-lhe madeiro,
A cruz da minha noite e do meu dia!

Cruz em que verto o sangue verdadeiro,
Em que minh'alma, em transe, agonia
E o coração se crucifica inteiro...

PÁSSARO CATIVO

Dornélio B. Meira - PB

Que vil instinto te aprisionou,
Tolheu teu vôo, matando-te a alegria?
Em um pequeno espaço te fechou,
Cortando a vida que alegre corria?

Será que o "dito", para si queria,
O vil destino que a ti imputou?
Afastar-se de tudo o quanto havia,
Deixar parentes a quem tanto amou?

Hoje tu cantas uma canção amarga,
Para ao desgosto poder dar descarga,
Mas, em verdade...,nunca mais cantou!

Eu aqui exponho a minha revolta,
Por ver tanta gaiola à minha volta,
E ver tanta asa que não mais voou!

BONS AMIGOS

Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir. Porque amigo não se pede, não se compra, nem se vende. Amigo a gente sente!

Benditos os que sofrem por amigos, os que falam com o olhar. Porque amigo não se cala, não questiona, nem se rende. Amigo a gente entende!

Benditos os que guardam amigos, os que entregam o ombro pra chorar. Porque amigo sofre e chora. Amigo não tem hora pra consolar!

Benditos sejam os amigos que acreditam na tua verdade ou te apontam a realidade. Porque amigo é a direção. Amigo é a base quando falta o chão!

Benditos sejam todos os amigos de raízes, verdadeiros. Porque amigos são herdeiros da real sagacidade. Ter amigos é a melhor cumplicidade!

Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho, Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!

Machado de Assis

De olho no idioma

DEMONSTRATIVOS

Já falamos do assunto muitas vezes. Todavia, cada vez que lemos ou ouvimos o uso dos demonstrativos, percebemos sua errada aplicação.

Quando se analisa o Brasil, é comum lermos: **“Para onde vai esse país?”** Mas o país é este e não esse.

Se falássemos do Paraguai, poderíamos perguntar: **“O Paraguai é bonito; você gostaria de conhecer esse país?”**

Se fôssemos um pouco mais longe, caberia a pergunta: **“A situação do Paquistão está terrível. Você tem vontade de viajar para aquele país?”**

Agora, com o novo ano começando, ouvimos a torto e a direito: **“Desejo que esse ano seja bom pra você.”** Mas não é esse, é este. O ano presente, o ano que estamos vivendo.

Resumindo: Este, isto, para o que está perto ou no momento presente. **“Isto é um presente para você. Este é diferente do que lhe dei no ano passado.”**

Esse, isso, para o que está meio afastado e num momento que não é o presente. **“Amanhã voltaremos ao assunto. Isso é o que eu espero e esse é o desejo de todos.”**

Aquele, aquilo, quando está mais distante ou se refere a um tempo futuro. **“Quando aquele dia chegar, nos encontraremos e lhe entregarei aquilo que prometi.”**

O mesmo vale para neste, nisto, nesse, nisso, naquele, naquilo que são a contração da preposição **em** com o demonstrativo.

Procure treinar que você conseguirá automatizar.

Que **esta** orientação lhe sirva para algo e que você receba **nesta** oportunidade nossos votos de Feliz Ano Novo.

POESIA MUSICADA



Violões
em funeral

Sílvio Caldas e Sebastião Fonseca

Vila Isabel veste luto / Pelas esquinas escuto
Violões em funeral
Choram bordões choram primas
Soluçam todas as rimas / Numa saudade imortal
Pelas ruas escondida / Cheia de crepes vestida
A lua fica a chorar
E por onde a lua chora / Goteja, goteja agora
Nos oitís do bulevar.

Adeus cigarra vadia / Que em toda a sua agonia
Cantava para morrer
Tu viverás na saudade / Daquela grande cidade
Que não há de te esquecer
Adeus poeta do povo / Que ressuscita de novo
Quando da morte descamba
Sinhô da pele mais clara
A qual o Senhor encarnara
Na alma sonora do samba
Meu violão chora tanto / Soluços e muito pranto
Sobre o caixão de Noel
Estácio, Matriz e Salgueiro
Toda Rio de Janeiro, consola Vila Isabel.

CASA DA POESIA E SEU GRUPO ITINERANTE DE POESIA - GIP

Jorge Mariano Alves - PB

Um bom grupo de escritores,
Artistas, declamadores,
Poetas, improvisadores;
Músicos e repentistas
Reuniu-se, num certo dia,
Em verdadeira harmonia,
Para que nossa poesia
Chegasse a outras conquistas.

Graças a essa reunião,
Repleta de sugestão,
Chegou-se a uma conclusão
Que a mim muito surpreendia:
Foi formado em dado instante
Nosso “Grupo Itinerante”,
Que criou com idéia brilhante,
A casa da Poesia.

Por ser um grupo bem eclético
Que ama o belo e o estético,
Além do senso poético
E da musicalidade,
Tem por grande objetivo
Levar sempre um lenitivo
Pra que haja algum motivo
Que reanime a humanidade.

Sobre o GIP

O Grupo Itinerante de Poesia reúne-se nas primeiras e terceiras quartas-feiras de cada mês, das 15 às 17 horas, na sede da ASIP, Av. Eptácio Pessoa.

A reunião é livre para todos os que gostam de poesia, música e literatura, ainda que não sejam poetas, músicos ou escritores. Trata-se de uma reunião descontraída onde ninguém tem compromisso financeiro, burocrático ou com assiduidade. É um momento de lazer para relaxar e compensar a aridez do dia-a-dia.

Visite-nos e constate!

“Sonho de Feliz Cidade”

O **Sebo Cultural** promoveu concurso para escritores novos e velhos e formou uma coletânea de artigos sobre a cidade de João Pessoa, com o título acima. Os três classificados que receberam prêmio em dinheiro e mercadorias do Sebo, foram:
Primeiro lugar, **Giovanni Alves Duarte de Sá** com o texto “A Carta”, estampado à página 15;
Segundo lugar, **Juliano Loureiro de Carvalho** com o texto “João Pessoa entre Narciso e Dorian Gray”, estampado à página 81;
Terceiro lugar, **Dyógenes Chaves** com o texto “A Cidade Visível”, estampado à página 50.
Foram 142 textos, dos quais aproximadamente sessenta concorreram aos prêmios.
Nosso editor foi um dos participantes, sem concorrer, com o texto Depoimentos de um Forasteiro, que pode ser visto na página 27.
Sempre inovando, **Heriberto Coelho** se impõe como um marco da agenda cultural de João Pessoa e de toda Paraíba. Um arrojado empreendedor no campo da literatura e das artes, que deve merecer o apoio de todos, inclusive dos poderes públicos. Parabéns!